

Sua Excelência, o Festival

Conselho Deliberativo da FCDF decide convocar outra comissão para incluir sexto longa-metragem

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O Conselho Deliberativo da Fundação Cultural do DF decidiu, na manhã de ontem, autorizar a Comissão Organizadora do XXIV Festival de Brasília do Cinema Brasileiro a indicar nova Comissão de Seleção para escolher o sexto concorrente da mostra competitiva, que acontecerá no Cine Brasília, de três a oito de julho próximo.

O relator do processo, o conselheiro André Gustavo Stumpf, avisou aos participantes da reunião (os conselheiros Márcio Cotrim, Maria Luíza Dornas, Guilherme Cabral, Reynaldo Jardim, Antenor Gentil Jr. e José Sôter) que "tinha em mãos um processo estranho". E relatou: "Foram selecionados para o Festival apenas cinco longas, dois médios e 10 curtas. Esta decisão conflita com o regulamento, que prevê seis longas e doze curtas. Daí que estamos como naqueles vestibulares, quando sobravam vagas".

André Gustavo apresentou, então, seu parecer: "Frente à crise brutal em que se encontra o cinema brasileiro, neste momento, sugiro que todos os filmes sejam exibidos no Festival, sem passar por nenhuma seleção". Agindo assim, ponderou o conselheiro-relator, "o júri oficial e o popular escolherão os melhores, sem se submeterem a esta situação perversa".

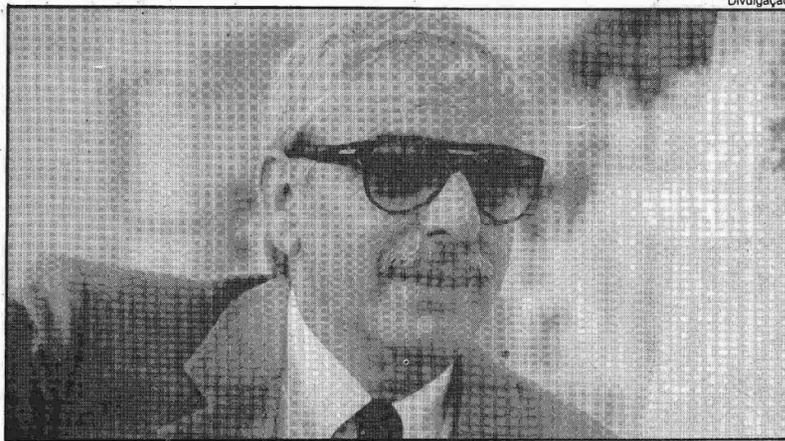
Aluguel — A conselheira Maria Luíza Dornas, que é responsável pela coordenação geral do Festival, garantiu que a solução proposta por Stumpf era "inviável". "Se formos exibir todos os longas e as dezenas de curtas e médios inscritos — avisou — não teremos recursos para pagar o prêmio-aluguel (Cr\$ 5 milhões para longas inéditos e Cr\$ 500 mil para os curtas e médios). A solução — apontou — é fazermos cumprir o Regulamento, escolhendo o sexto concorrente".

Ninguém rebateu a proposta, que foi aprovada por unanimidade. Luíza Dornas esclareceu que a nova Comissão de Seleção (que assistirá aos filmes rejeitados para escolher um só longa) seria escolhida dentro do "prazo mais rápido possível" e que "começaria a trabalhar dali a poucas horas".

Fernando Adolfo, da Comissão Organizadora do Festival, garantiu ao *Jornal de Brasília*, às 17h00 de ontem, que a Comissão ainda não estava completa. "Já escolhemos os cinco componentes que irão integrá-la e estamos ultimando os contatos". Adolfo não soube precisar se a Comissão será secreta ou de conhecimento público.

A seleção — O *Jornal de Brasília* procurou todos os integrantes da primeira Comissão de Seleção, responsável pela decisão (escolha de apenas cinco longas, somados a dois médios para o sexto programa) que motivou a análise do Conselho Deliberativo. Dois dos sete integrantes não prestaram seus depoimentos. O cineasta Geraldo Moraes não foi encontrado em casa, nem na UnB (está de licença sabática). O advogado e cinefilo Reynaldo Ferreira está viajando e só regressa na quinta-feira.

Desrespeito — "Não tenho nenhum interesse em me indispor com a Fundação Cultural e torço, com sinceridade, para que o Festival de Brasília alcance grande sucesso, por seu valor e sua história. Quanto à decisão do Conselho Deliberativo só posso dizer que ela desrespeita a Comissão de Seleção, que trabalhou durante quatro ou cinco dias, com afinco e seriedade. Creio que se Paulo Emílio Salles Gomes, criador do Festival, estivesse vivo, ele respeitaria integralmente nossa decisão de escolher cinco longas e sugerir um programa formado com dois médios. Ele entendê-

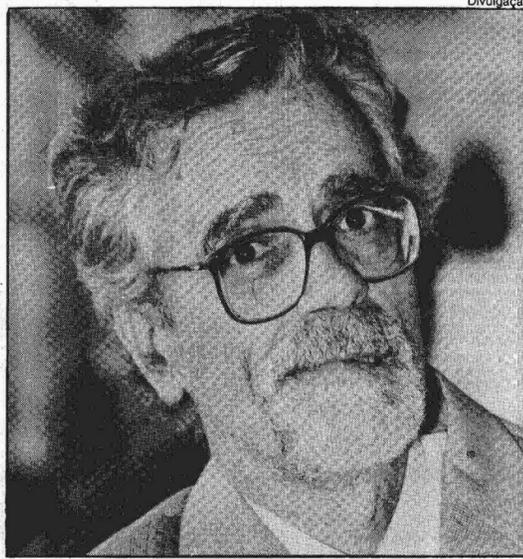


Divulgação



Arquivo

Hugo Carvana e Rogério Sganzerla: classificados no "primeiro turno"



Divulgação



Givaldo Barbosa

Coutinho e Neville: agora só na "repescagem"

ria que nossa decisão se pautou pela busca da qualidade. Nós, depois de muita discussão, concluímos que não podíamos ser cúmplices de discursos inconseqüentes, de pessoas que não têm compromisso com a linguagem cinematográfica. Voltando à solução que apresentamos à Comissão Organizadora, é necessário registrar que o regulamento do Festival é "meio-frouxo". Ele deixa os filmes de média-metragem no limbo. Buscamos solução que foi exaustivamente discutida. Nos pautamos pelos filmes que traziam propostas importantes para o cinema brasileiro, neste momento tão difícil. Por isto, lamento ao ver nossa deliberação desrespeitada" (*Cláudia Pereira, 39 anos, produtora de cinema e atriz em Brasília*).

"Palhaçada — "Para mim, tudo que está acontecendo se configura como uma palhaçada. Primeiro, porque o relator do Conselho Deliberativo (André Gustavo Stumpf), ao preparar seu parecer, não sabia o que estava fazendo. Não tinha conhecimento do que seria uma infração ao regulamento: no caso, escolher cinco e não seis longas. Tanto é que, segundo proposta que levou ao Conselho, deveria haver vaga para todos os filmes inscritos, ou seja, 12 longas e 35 curtas e médios. Então, ele queria consertar uma infração com outra muitas vezes maior. E mais: propunha não um festival, mas sim um martírio para o público. Esta postura me leva ao seguinte questionamento: por que nós, da Comissão de Seleção, não fomos ouvidos pelo Conselho Deliberativo? O fato de não termos sido convocados para prestar esclarecimentos ao Conselho me leva a concluir que a Comissão Organizadora quer fazer do Festival uma mera festa e não um espaço de amostragem e debate dos melhores filmes brasileiros" (*Rui Nogueira, 31 anos, jornalista*).

Funcionários — "Por que nós, os integrantes da Comissão de Seleção, não fomos convocados pelo Conselho Deliberativo para oferecer a conceitualização que nos pautou, ao tomarmos nossa decisão? Este, para mim, é o ponto mais relevante. Afinal, nos pautamos por uma linha, por um princípio, ou seja, nos preocupamos em discutir o cinema brasileiro

Os filmes e a seleção

Nota da Redação

Por ter participado da Comissão de Seleção, o editor do *Caderno 2 do Jornal de Brasília* — Geraldinho Vieira — tinha desde o último dia dos trabalhos a relação dos filmes inscritos e portanto os selecionados e os rejeitados. Por decisão da Comissão — que não se julgava proprietária da lista entregue à Fundação Cultural — as listas seriam divulgadas apenas em dia e hora estabelecidas pela organização do Festival. O *Jornal de Brasília*, portanto, preferiu aguardar a decisão da FCDF, ela

sim responsável pela organização da mostra. Infelizmente, entretanto, outros jornais da cidade acharam por bem desrespeitar a decisão da Comissão (da qual participaram também seus editores das Áreas Culturais) e no último sábado publicaram a lista de selecionados e rejeitados. Sendo assim, o *Caderno 2 do Jornal de Brasília* não pode deixar de informar hoje, a seus leitores, tanto a existência do referido acordo como o resultado classificatório a que chegou à Comissão de Seleção.

Os selecionados

Longa-Metragem:

1. *Vai Trabalhar, Vagabundo II — A Volta*, de Hugo Carvana (Rio)
2. *O Corpo*, de José Antônio Garcia (SP)
3. *Sua Excelência, o Candidato*, de Ricardo Silva Pinto (SP)
4. *Rádio Auriverde*, de Sílvio Back (PR)
5. *Ameríndia*, de Conrado Berning (SP)

Média-Metragem:

Isto é Noel, de Rogério Sganzerla (Rio)
Nosso Amigo Radamés Gnatalli, de Moisés Kandler e Aluísio Didier

Curta-Metragem:

Independência, de João Batista de Andrade (SP)
O Inventor, de Mirella Martinelli (SP)
Viver a Vida, de Tata Amaral (SP)
Moleque de Rua, de Marco Ferreri
Rota ABC, de Francisco César Filho (SP)
Numa Beira de Estrada, de Marcos Gutman e Luís Vidal
Mano a Mano, de Eduardo Caron (SP)
Projeto Pulex, de Tadáo Niaqui (RS)
Au Revoir, Shirley, de Gilberto Perin (RS)
A Loira Fantasma, de Fernando Morini (PR)

Os longas rejeitados

Matou a Família e Foi ao Cinema, de Neville D'Almeida (Rio) — 35 mm
O Flo da Memória, de Eduardo Coutinho (Rio) — 16 mm
O Canto da Terra, de Paulo Rufino (Rio) — 16 mm
Manobra Radical, de Elisa Tollomeli (Rio) — 35 mm
Assim na Tela como no Céu, de Ricardo Miranda (Rio) — 35 mm
A Viagem de Volta, de Emiliano Ribeiro (Rio) — 35 mm
Terra da Boa Esperança, de Merab Gagau (URSS/Brasil) — 35 mm

Os Que Não Chegaram a Tempo

A Farra do Bol, de José Pires e Norberto Depizzolatti (SC) — média 35 mm.
ABC da Greve, de Leon Hirszman (Rio/SP) — 35 mm
Não Quero Falar Sobre Isto Agora (O Inútil), de Mauro Farias (Rio) — 35 mm
Bastidores (não há dados disponíveis)

com o maior cuidado, tendo a proposta estética dos filmes como motivação principal. Nossa linha mestra foi a qualidade dos filmes. Há outro aspecto importante: se a Comissão de Organização não estava preparada para aceitar uma seleção de filmes criteriosa por que a Fundação Cultural não optou por uma comissão de funcionários, seus disposta a seguir parâmetros previamente definidos? Se desejava um festival com filmes sedimentados em planos de marketing — ou até filmes escorados em apelos gratuitos — para lotar o cinema, que convidasse um time de publicitários e não de críticos" (*Geraldinho Vieira, 32 anos, jornalista de Brasília*).

Censura — "Quando optamos por cinco longas e não por seis, isto aconteceu por razão muito simples: os outros títulos eram bem inferiores aos escolhidos. Não nego que o Regulamento do Festival dá à Fundação Cultural o direito de recorrer de nossa decisão. Só lamento que o Conselho Deliberativo tenha se contentado com nossa carta, um documento extremamente sucinto. Se tivéssemos sido convocados a explicar nossas razões, o Conselho teria subsídios para avaliar melhor nossa decisão. Agora, estamos numa situação que, confesso, nunca vi na minha vida. Uma situação realmente constrangedora. E nós, que fomos acusados pelo cineasta Neville D'Almeida de estarmos tomando atitude absurda, censurando um filme, acabamos vendo nosso julgamento censurado" (*Paulo Pestana, 34 anos, jornalista*).

Majoria — "A Comissão de Seleção foi organizada para escolher seis filmes. Eu defendi este ponto-de-vista o tempo todo. Mas fui posição vencida. Reforço, porém, que a decisão pelos cinco filmes e pelos dois médios foi tomada por maioria e não por unanimidade. Para mim, o sexto filme seria o do Neville (*Matou a Família e Foi ao Cinema*). A Fundação Cultural é soberana, recorreu ao Conselho Deliberativo e agiu bem. Não creio que a nova Comissão, que é legítima, será secreta. Não há motivo para tal, pois a Fundação não está cometendo nenhuma ilegalidade". (*João Ramiro Mello, 57 anos, montador de cinema*)